

## O USO DE *LHE* COMO ACUSATIVO NA VARIEDADE BRASILEIRA DO PORTUGUÊS: OBSERVAÇÕES SOBRE A VARIEDADE LINGUÍSTICA FEIRENSE

**Devse Edberg<sup>1</sup>, Norma Lucia Almeida<sup>2</sup>**

1. Bolsista FAPESB, Graduanda em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: [dedberg2006@yahoo.com.br](mailto:dedberg2006@yahoo.com.br)
2. Orientadora, Departamento de Letras e Artes, e-mail: [norma.uefs@gmail.com](mailto:norma.uefs@gmail.com)

**PALAVRAS-CHAVE:** sistema pronominal, segunda pessoa, clítico acusativo.

### INTRODUÇÃO

Segundo a gramática tradicional (GT), os pronomes oblíquos devem ser empregados em função de objeto direto (OD) ou indireto (OI), dependendo da transitividade do verbo, sendo objeto direto para os verbos transitivos diretos e objeto indireto para os verbos de transitividade indireta. Esta regra gramatical vale para os pronomes pessoais de primeira e segunda pessoa, sendo complementos da primeira e segunda pessoa os pronomes oblíquos *me*, *te*, *nos*, *vos*, podendo representar tanto o OD como também o OI dos verbos. Contudo, para a terceira pessoa a GT não padroniza dessa forma os complementos verbais, sendo especificadas as formas *o*, *a*, *os*, *as* para representar o objeto direto e *lhe*, *lhes* como formas representativas de objeto indireto (CUNHA & CINTRA, 2008).

Da passagem do latim para o português, o português recorreu às preposições a fim de demarcar seu objeto indireto nas sentenças, visto que os valores dos casos latinos não existiam mais. Diante disso, surge a ideia de que “todo complemento verbal regido de preposição independentemente de indicar o ser a que se destina a ação ou em cujo proveito ou prejuízo se realiza, deve ser incluído na categoria de objeto indireto” (ALMEIDA, 2009, p. 55-56).

No tratamento do clítico pronominal *lhe*, especificamente, a tradição gramatical prescreve que este oblíquo deve surgir nas sentenças em posição de objeto indireto e, diante dos exemplos apontados pelas gramáticas normativas, este é um clítico de argumento selecionado. Contudo, algumas pesquisas quantitativas foram feitas em várias regiões do País (ALMEIDA, 2009; LUCAS, 2008; dentre outras), nas quais se atestam questionamentos empíricos sobre o emprego do *lhe* no português falado no Brasil. Neste trabalho buscou-se, especificamente, a observação da alternância do emprego do clítico *lhe* em função de objeto direto e indireto na cidade de Feira de Santana, sobretudo, em amostras nas quais os informantes eram feirenses e filhos de feirense.

### METODOLOGIA

Para este estudo foi utilizado um *corpus* de fala constituído por dados de 12 entrevistas realizadas com falantes pouco ou nada escolarizados (com, no máximo, cinco anos de escolarização), que constituem parte do banco de dados do projeto de pesquisa *A língua portuguesa falada no semi-árido baiano*.

A partir da transcrição ortográfica das entrevistas, foi realizado o mapeamento dos contextos previstos dos trechos de fala nos quais ocorrem a alternância do clítico *lhe* como objeto direto. Os dados encontrados nos contextos foram codificados e rodados no *Goldvarb*

2001, programa computacional utilizado para análise sociolinguística quantitativa. O mapeamento desses contextos realizados buscou base nas predições da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972), a fim de determinar suas características tanto linguísticas quanto pragmático-discursivas e sócias do uso dessa variante no município baiano de Feira de Santana.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Partindo da observação da variante linguística em questão, acentuou-se o desejo e curiosidade científica de averiguar esta alternância linguística no município baiano de Feira de Santana, localizado no semiárido, a 107 km da capital Salvador, habitado por aproximadamente 672 mil habitantes<sup>1</sup>.

De acordo com as observações, nos dados do português popular falado no município baiano de Feira de Santana, os resultados se assemelham aos de Almeida (2009), já que verificamos a ocorrência da alternância no uso do clítico *lhe* em objeto direto e indireto, evidenciando a existência da variante linguística também no português popular falado por feirenses e seus filhos. A análise feita dos dados levantados aponta para **48 %** de *lheísmo*, um número percentual que corresponde ao total de 12 ocorrências do clítico *lhe* como objeto acusativo de segunda pessoa e 13 ocorrências para a forma canônica do *te*, **52%**, totalizando um contexto geral de 25 casos.

Dos resultados sobre as amostras de fala do português popular, pode-se observar a alternância da variável linguística em questão em sentenças como as que seguem abaixo:

01) É como **lhe** falei, tem uma faixa de dois ano. (AFS, C.A; 26 Anos, masc);

02) Só to **te** dando umas dicas. (AFS, L. C do C. 31 anos, fem.).

Com base nos resultados, a *forma pronominal/ tipo de discurso* apontou um maior número de uso preferencial do *te* em discurso direto, com 52%, conforme ilustra a tabela:

Forma pronominal/tipo de discurso	Discurso direto	Discurso indireto
<b>Lhe</b>	<b>11/25</b> <b>44%</b>	<b>1/25</b> <b>1%</b>
<b>Te</b>	<b>13/25</b> <b>52%</b>	<b>0/0</b> <b>0%</b>

**Tabela 1:** Português popular - Forma pronominal/ tipo de discurso.

Abaixo se encontra a tabela com os resultados por faixa etária. Os jovens, faixa 1, usaram o *te* em 48% das ocorrências de toda a amostra e 20% de *te*. Se levarmos em conta só a distribuição dentro da faixa, houve um uso de 30% do pronome direto e 70% do *lhe* como acusativo, o que demonstra que os jovens estão usando mais a forma conservadora. Fato que

<sup>1</sup> Esses dados são com base no CENSO 2010.

pode sinalizar uma atuação do ensino de língua. Os dados da faixa 2 não permite observações por conta do baixo número de dados, 2. Na faixa 3, há um maior uso do *lhe*, 16% do geral dos dados, mas a distribuição dentro da própria faixa apresenta 80% de *lheísmo* e 20% de uso da forma conservadora.

Forma pronominal/faixa-etária	Lhe	Te
<b>Faixa 1</b>	<b>5/25</b> <b>20%</b>	<b>12/25</b> <b>48%</b>
<b>Faixa 1 – distribuição dentro da faixa</b>	<b>5/17</b> <b>30%</b>	<b>12/17</b> <b>70%</b>
<b>Faixa 2</b>	<b>2/25</b> <b>8%</b>	<b>0/0</b> <b>0%</b>
<b>Faixa 2 – distribuição dentro da faixa</b>	<b>2/2</b> <b>100%</b>	<b>0/2</b> <b>0%</b>
<b>Faixa 3</b>	<b>4/25</b> <b>16%</b>	<b>1/25</b> <b>4%</b>
<b>Faixa 3 – distribuição dentro da faixa</b>	<b>4/5</b> <b>80%</b>	<b>1/5</b> <b>20%</b>

**Tabela 2:** Português popular - Forma pronominal/ faixa-etária.

Já o fator *sexo*, trouxe um percentual de 36% do uso do *te* pelas mulheres, do total geral de dados, opondo-se aos homens com 24% de *lheísmo*. Quando considerados os dados dentro do próprio gênero, houve por parte das mulheres um uso de *te* em 60% das ocorrências e o contrário com os homens, ou seja, 60% de uso do *lhe*.

Forma pronominal/sexo	Lhe	Te
<b>Feminino</b>	<b>6/25</b> <b>24%</b>	<b>9/25</b> <b>36%</b>
<b>Feminino<sup>2</sup></b>	<b>6/15</b> <b>40%</b>	<b>9/15</b> <b>60%</b>
<b>Masculino</b>	<b>6/25</b> <b>24%</b>	<b>4/25</b> <b>16%</b>
<b>Masculino</b>	<b>6/10</b>	<b>4/10</b>

<sup>2</sup> Nessa segunda linha estão os dados dentro do próprio sexo feminino e não em contraponto ao masculino. O mesmo vale para a segunda linha do masculino.

	<b>60%</b>	<b>40%</b>
--	------------	------------

**Tabela 3:** Português popular - Forma pronominal/ sexo.

## CONCLUSÃO

A ocorrência do clítico *lhe* como objeto acusativo de referência a segunda pessoa foi verificada no *corpus* de fala popular em 12 das 25 ocorrências encontradas nos contextos mapeados, correspondendo ao total de 48% de *lheísmo*, constatando-se que os resultados desse estudo se assemelham aos estudos anteriormente realizados por Almeida (2009), na cidade de Salvador, em outras variedades do português brasileiro.

Em síntese, evidencia-se que ambas as formas pronominais, *te* e *lhe*, são comumente encontradas na fala popular de feirenses para representar o objeto direto de segunda pessoa. Para tanto, tem-se diante da análise das 12 amostras de fala popular espontânea um uso bastante equilibrado das variantes estudadas.

Dentre os resultados obtidos na análise quantitativa, a *faixa etária* mostrou-se um fator importante, visto que são os jovens que lideram a preferência pela forma do clítico *te*, aproximando-se, neste quesito, do resultado a que chegou Almeida (2009). Na análise da variável *sexo*, houve um uso semelhante do clítico como acusativo para ambos os sexos. Contudo, mesmo nos dados percentuais apontados para ambos os sexos, observa-se que, se considerarmos os números percentuais dentro da variação do gênero, tem-se 60% de *lheísmo* para os homens, opondo-se a 40% de uso do *lhe* para as mulheres. Este resultado já era esperado para este tipo de análise, pois, quando se considera o gênero como um fator, comumente nota-se que as mulheres tendem a policiar seu discurso, mesmo quando se trata de contextos de fala espontânea, buscando utilizar a língua na sua variedade padrão, fazendo, geralmente, uso das formas de maior prestígio.

A variável *forma pronominal/ discurso*, revelou o discurso direto como um fator relevante e o contexto propício para maior índice de ocorrências do clítico *lhe*. Sobretudo, vale salientar que este fenômeno linguístico que ocorre em todas as regiões do País, mas especificamente na região do Nordeste, não teve, neste projeto de IC, a intensão de ser estudado exaustivamente, visto que se trata de um campo amplo. Não visa generalizar os resultados estatísticos apontados aqui à toda comunidade linguística em questão, visto que se trata de uma pequena amostra de dados e teve, por objetivo específico, assinalar a existência da variação linguística também no município baiano de Feira de Santana.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, G. de S. (2009). *Quem te viu quem lhe vê: a expressão do objeto acusativo de referência a segunda pessoa na fala de Salvador*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Salvador: UFBA / Instituto de Letras, mimeo.
- CUNHA, C. & CINTRA, L. F. L. (2008). *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon.
- LABOV, W. (2008) [1972]. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: parábola editorial.
- LUCAS, E. M. (2008). *Transitividade variável em verbos monotransitivos e o uso inovador do clítico lhe no português do Brasil*. Dissertação de mestrado em Linguística. Brasília: Instituto de Letras, mimeo.